

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

DAVID ANDERSON ROCHA LOPES

PROFESSOR-POETA:
UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA NA SALA DE AULA

PORTO ALEGRE

2023

DAVID ANDERSON ROCHA LOPES

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Lia Schulz e a coorientação da Profa. Dra. Caroline Valada Becker.

PORTO ALEGRE

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais por todo tempo e carinho dedicados à minha criação e aos meus estudos. Agradeço, especialmente à minha mãe, sem ela parte do que sou não seria possível ser. Pelo seu trato com a vida e seu modo de estar a frente da família de forma crítica e com um humor que torce qualquer vendaval: minha mãe é o tempo. Aos meus, amigos e amigas, sempre ao meu lado dando suporte, ajudando na leitura e na escuta desse trabalho. Aos escritores e escritoras que me fizeram viajar por outros mundos sem sair de casa. Aos meus professores e professoras por me ensinarem a viver em sociedade, a ler e a escrever, a traduzir coisas, gentes e sentimentos. Aos compositores e compositoras por me fazer dançar e cantar a trilha sonora que escolho nessa estrada-vida. A todos os alunos e alunas por me ensinarem sempre algo novo, por seguirem, por perseguirem seus sonhos, como um dia eu também segui os meus.

Asa da palavra

Asa parada agora

Casa da palavra

Onde o silêncio mora

(Caetano Veloso)

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência de leitura e escrita de poesia na sala de aula de uma turma do Colégio de Aplicação da UFRGS, com o objetivo de refletir sobre o fazer poético contemporâneo, através do olhar de um professor-poeta que busca identificar como a experiência com esses dois modos de estudar literatura podem, de alguma forma, causar micromovimentos dentro da sala de aula, da escola e para além dos muros escolares. As aulas aconteceram no formato de uma oficina dividida em duas etapas: a primeira com a introdução ao estudo de poesia contemporânea e a segunda direcionada para o estudo da obra de Ana Martins Marques. Como conclusão, foi elaborada uma produção de escrita dos alunos e alunas, eles e elas tornaram-se autores de suas composições, demonstrando como a poesia contemporânea pode sim fazer parte da escola, refletindo temas que são cotidianos a todos que dela fazem parte.

Palavras-chave: Poesia. Literatura. Experiência de escrita. Sala de Aula.

RESUMEN

Este trabajo relata una experiencia de lectura y escritura de poesía en el aula de una clase del Colégio de Aplicação da UFRGS, con el objetivo de reflexionar sobre el hacer poético contemporáneo, a través de la mirada de un profesor-poeta que busca identificar cómo la experiencia con estas dos formas de estudiar la literatura pueden, de alguna manera, provocar micromovimientos dentro del aula, de la escuela y más allá de los muros de la escuela. Las clases se desarrollaron en formato de taller dividido en dos etapas: la primera con la introducción al estudio de la poesía contemporánea y la segunda dirigida al estudio de la obra de Ana Martins Marques. Como conclusión, se elaboró una producción escrita de los estudiantes, quienes se convirtieron en autores de sus composiciones, demostrando cómo la poesía contemporánea efectivamente puede ser parte de la escuela, reflejando temas cotidianos para todos los que forman parte de ella.

Palabras-clave: Poesía. Literatura. Experiencia de escritura. Aula.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cronograma de Aulas	16
Figura 2 – Slide apresentado em aula	20
Figura 3 – Slide apresentado em aula	20
Figura 4 – Internet como sistema	24
Figura 5 – Slide apresentado em aula	26
Figura 6 – Slide apresentado em aula	27
Figura 7 – Poema	29
Figura 8 – Poema	31
Figura 9 – Poema	33
Figura 10 – Poema	34
Figura 11 - Poema	35
Figura 12 - Poema	36
Figura 13 - Poema	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UM COMPILADO DE UM PROFESSOR-LEITOR-AUTOR	11
2.1 MINHA MÃE: A ESCRITA	11
2.1.2 Um aluno: Um sonhador	12
2.2 PRÉ-OFFICINA: O ESPAÇO	13
2.3 O SILÊNCIO QUE PRECEDE A VOZ	13
2.3.1 Onde a palavra começa	13
2.3.2 Oficina: A poesia pode ser ensinada?	16
3 UM COMPILADO DE ESCRITAS POÉTICAS: O ESPELHO ALUNO	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho nasce de uma junção de consequências: a existência de minha mãe, a minha entrada na escola como aluno e posteriormente como professor, meus estudos sobre poesia e o meu desejo de relatar essa história. Este texto, um trabalho de conclusão de curso intitulado “Professor-poeta: uma experiência poética na sala de aula” não fala sobre a poesia, e sim, com a poesia. Nele, trago um relato-reflexão sobre uma oficina poética ministrada com uma turma do terceiro ano do ensino médio no Colégio de Aplicação da UFRGS, em julho de 2022.

A proposta para o presente trabalho surgiu a partir dos meus estudos sobre poesia no curso de Letras, bem como a partir das minhas experiências em sala de aula: no **curso pré-vestibular** Projeto de Extensão Alternativa Cidadã de 2015 até 2017, nos dois **estágios obrigatórios** em língua portuguesa no primeiro e segundo semestre de 2019, em experiências em **grupos de leitura e escrita** poética, nos quais, pude aprofundar meus estudos sobre a obra da poeta Ana Martins Marques. Além disso, em 2021, tive a oportunidade de participar do **grupo de pesquisa** Investigação sobre Práticas de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica, coordenado pelo professor Aduino Locatelli e pela professora Daniela Favero, espaço acadêmico no qual pude pesquisar a mediação de leitura e escrita em sala de aula. Nessa etapa, consegui aprofundar as relações acerca da leitura e escrita de poesia na educação básica, realizando a leitura das obras literárias e não a leitura *sobre* as obras.

É disso que trato nas primeiras seções deste trabalho através de um relato de experiência que remonta aos meus primeiros contatos com a leitura e com a escrita: um estudante-leitor-autor, para chegar, enfim, às minhas experiências como professor-leitor-autor. Na segunda seção do trabalho, apresento o relato de experiência das aulas idealizadas e ministradas na Educação Básica, unindo a descrição a reflexões sobre o ensino de poesia contemporânea e sobre o uso de tecnologias na sala de aula: a rede social como aliada às práticas de aprendizagem.

Assim, este trabalho buscará entender como as oficinas poéticas podem causar micromovimentos dentro da sala de aula e para além dos muros escolares, realizando uma quebra no que se tem enraizado sobre as aulas de literatura, e a partir da escolha da obra de Ana Martins Marques, poder contribuir para a formação literária desses alunos, para que se possa desmistificar o que, geralmente, se têm cristalizado a respeito da criação poética: produto de uma “inspiração divina”. A reflexão e conclusão sobre esses micromovimentos na

realização das oficinas se dá a partir desse olhar de professor-leitor-autor, na companhia de Corazza e seus escritos sobre a sala de aula e seus desafios, Candido e seu direito à literatura, os caminhos traçados pela BNCC, e a ajuda de poetas e cancionistas na definição do que é poesia.

Este trabalho é dividido em dois capítulos, no primeiro intitulado **Um compilado das experiências do professor-poeta na escola** faço panorama da minha trajetória escolar da infância até a chegada à docência. O capítulo é composto por seis seções, são elas: Minha mãe: a escrita; Um aluno: um sonhador; Pré-oficina: o espaço; O silêncio que precede a voz; Onde a palavra começa; Oficina: A poesia pode ser ensinada? E o segundo intitulado **Um compilado de escritas poéticas: o espelho-aluno** no qual desenvolvo os resultados da escrita/criação dos alunos.

2 UM COMPILADO DO PROFESSOR-POETA NA ESCOLA

2.1 MINHA MÃE: A ESCRITA

"Tudo começou em meu ventre", diz minha mãe, uma mulher de 67 anos, semianalfabeta, cheia de sonhos ainda; um deles é ver o seu caçula formado e outro é que alguém escreva o que ela tem tanto a dizer. Resolvi incluir esse subcapítulo, intitulado "Minha mãe: a escrita", para falar delas: minha mãe e minha escrita. Uma depende da outra de certa forma, só escrevo porque um dia nasci do ventre de minha mãe e só escrevo sobre a minha mãe porque aprendi a escrever.

Quando descobri o poder que a escrita tem no nosso mundo letrado, eu quis logo me mostrar através e entre as palavras. Minhas primeiras experiências com as letras de música na pré-adolescência, a descoberta da literatura e a paixão pela poesia... Todos caminhos me levaram ao curso de Letras, caminhos bifurcados, caminhos de idas e voltas, mas todos me levaram à graduação em Letras. Amigos, amores, colegas, páginas e mais páginas ajudaram a me encontrar entre os meus. A alegria nos olhos dos meus pais. Se eu pudesse descrever a alegria nos olhos dos meus pais, não haveria palavras que pudessem alcançar o detalhe daquele brilho de talvez nunca ter imaginado que alguém que eles criaram poderia chegar um dia a ser um professor.

Minha mãe sempre enxergou em mim alguém que poderia mudar o mundo, nem que fosse o mundinho dentro do meu quarto, o mundinho do meu pátio, quem sabe o mundinho da minha rua ou do meu bairro. Caixas e mais caixas de giz que eu gastava escrevendo na parede da área dos fundos de casa, ensinando meus primos ou meus alunos imaginários. Folhas e mais folhas com provas, chamadas, livros. Eu analisava todos os trejeitos dos meus professores para depois repeti-los na minha escola-casa.

Minha escrita desenvolve-se a partir da pedra, a partir do giz, a partir da mão suja de pó de giz. Mas a minha consciência de ser autor só veio anos mais tarde. Na minha adolescência, influenciado por cantautoras da MPB, pude encontrar neste gênero musical o espaço da Literatura. Dentre essas, *Adriana Calcanhotto* me conquistou ao falar em uma entrevista¹ sobre os livros de sua vida, entre eles *A Cinza das horas*, de Manuel Bandeira; ao citar o livro *Não poemas* de *Augusto de Campos* e ao falar sobre a importância de Fernando

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=Hd904ovYJMA>

Pessoa e seus heterônimos. É a partir das referências que ela traz que foi sendo moldado em mim esse professor-poeta.

Em 2013, criei o blog Traduzirte², nome inspirado no poema *Traduzir-se* de Ferreira Gullar. A ideia era postar um poema por semana, como um trabalho, e manter a criação da escrita numa rotina semanal. Em 2018, o blog deu lugar a uma conta no Instagram. A partir disso, a minha criação poética foi impactada por outras artes, em especial com a fotografia: a relação entre a palavra e a imagem.

2.1.2 Um aluno: um sonhador

Meu avô foi a primeira pessoa que eu vi com um livro nas mãos, folheando, lendo em voz alta. Nunca soube dizer como aconteceu o seu aprendizado, ele nunca frequentou a escola, pois trabalhou desde a infância. Ele contava histórias e mais histórias que talvez muitos livros não contem. Um pouco do que sou hoje é fruto da nossa convivência. Assim como ele, minha mãe e minhas tias são contadoras de histórias, e eu um pequeno observador-ouvinte-admirador começava a criar meu repertório de narrativas literárias.

Recordo com muito afeto da minha infância, dos meus primeiros dias de aula na escola, minha mochila, meu estojo, meus lápis de cor, as canetinhas que tanto pedi à minha mãe, o caderno, a pasta com folhas de ofício. Era um esforço enorme para que a minha entrada nesse novo mundinho para lá dos muros da minha casa fosse a melhor possível.

Anos mais tarde, fui começar a entender o porquê de minha mãe se dedicar tanto ao meu desenvolvimento, era tudo o que ela sempre quis. Estudar nunca foi uma opção para ela que morava no interior do interior do estado do Rio Grande do Sul, e no interior do interior de sua mãe que necessitava de sua ajuda com os irmãos mais novos. As folhas do caderno deram espaço para o pano de chão, o apagador se transformou em uma escova de roupas, a sua vida estudantil nunca existiu de fato, porém, ela sempre lembra com muito entusiasmo do dia que foi de carona em cima de um trator para assistir a uma aula, a qual seria uma das únicas antes de se tornar uma menina cheia de responsabilidades.

O mundo escolar era a minha segunda casa, amava estar entre os livros, entre as pessoas que ali habitavam aquele espaço: professores e professoras, secretários e secretárias, meus colegas, minhas colegas e a comunidade do bairro que participava da escola também. Com todo esse compilado de imagens na memória, fui alimentando esse eu-professor, pensando

² <https://www.instagram.com/traduzirte/>

como acessar o mundo desses estudantes, como um dia uma professora conseguiu acessar o meu.

2.2 PRÉ-OFICINA: O ESPAÇO

Nas aulas de Literatura do Colégio de Aplicação da UFRGS, localizado no bairro Agronomia, em Porto Alegre, os alunos trabalham com a experiência de leitura de obras literárias ao longo de todo o Ensino Médio. Nessa escola de ensino básico, os professores e alunos têm preocupação com o ingresso ao ensino superior. Para as aulas de Literatura do terceiro ano, a seleção de textos trabalhados ao longo de todo o ano é feita a partir do edital do Concurso Vestibular UFRGS do ano seguinte, mas os professores de Língua Portuguesa e Literatura também trazem outras obras literárias para além da lista do concurso.

2.3 O SILÊNCIO QUE PRECEDE A VOZ

Como uma Aula não é uma coisa que você agarre, acumule, distribua ou “dê” a alguém, fabrique, confeccione, produza, invente, ficcionalize uma Aula. Em síntese: puxe-se! (Corazza, 2010)

Minutos antes de entrar no palco-sala-de-aula, o professor-artista olha para si e silencia todo o seu saber. A partir de agora, a sua plateia de alunos e alunas já está à sua espera para uma experiência única: o espetáculo-aula está sendo anunciado. O silêncio cessa quando o sinal da troca de períodos toca.

2.3.1 Onde a palavra começa

A passos largos, acompanhado pelo corredor da escola o professor regente da turma 301 com a qual irei trabalhar. Professor que também é pesquisador científico e trabalha com mediação de leitura e escrita. Trocamos algumas palavras até chegar à porta da turma. Alguns alunos pedem para ir ao banheiro, outros para ir até o bebedouro encher a garrafa d'água; o professor regente diz que estão autorizados. Entro na sala de aula e sou recebido com muitos olhares de curiosidade aos quais retribuo com um olhar de espantosa-alegria ao ver aqueles jovens.

Minha última experiência em sala de aula havia sido em 2019, pré-pandemia, com alunos de diferentes nacionalidades, no programa de português para estrangeiros da UFRGS. Após dois anos dentro de casa e sem muitos contatos com o grande público, estava eu ali novamente de frente com a plateia de alunos e alunas. A maior parte do grupo era constituída por mulheres e havia uma média um pouco maior de estudantes brancos do que negros.

No primeiro dia, estive camuflado de professor-observador com meus ouvidos atentos às falas, meus olhos ligados nos gestos e minhas mãos rápidas ao relato. As anotações encheram uma folha de papel. A turma 301 era verborrágica, participativa em tudo, por vezes falava mais que o professor-regente. Com mais ou menos 35 alunos presentes, a sala ficava cheia.

A aula era sobre o *Averso da Pele*, romance de Jeferson Tenório. O professor-regente propôs a leitura na íntegra, em voz alta, junto com os alunos, os quais se disponibilizam para ler alguns trechos no pdf projetado e outros excertos eram lidos pelo próprio professor em seu livro. Nesse momento, me dispus a ler também. Essa experiência de leitura, ao vivo, me trouxe algumas ideias para serem desenvolvidas com a turma.

Pensar a leitura como um ato de resistir-refletir sobre o que está dito, estudar poesia como uma forma de dissecar a palavra como quem disseca um corpo, a análise e a comparação como ferramenta de trabalho da palavra. Como diz Ezra Pound, em seu ABC da literatura,

O Método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, exame cuidadoso e direto da matéria e contínua COMPARAÇÃO de uma “lâmina” e ou espécime com outra.
(Pound, 2006, p.23)

O tempo parece que se antecipou nesse dia e logo a aula já estava se encaminhando para o fim. O professor-regente me chamou para a frente dos alunos e pediu para que eu me apresentasse e falasse sobre as oficinas de poesia³. Nesse momento, expliquei que as oficinas aconteceriam dentro das aulas de literatura e língua portuguesa, a turma 301 tinha aula dessas disciplinas nas segundas, terças e quartas. Nas terças, como um dia suspenso entre o cotidiano das aulas, a oficina funcionaria como uma atividade extraclasse. Após apresentar a proposta, o sinal tocou e os alunos se despediram do professor-regente e alguns vieram até mim para se despedir também.

³ Oficina de poesia realizada como prática do grupo de pesquisa Investigação sobre Práticas de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica.

Na volta para casa, pensei que a melhor maneira de se aprender é ensinar. Ensaiei para o início do espetáculo-aula: Li e reli os textos que foram utilizados para a construção das aulas, busquei outros, li e reli entrevistas de autores e autoras contemporâneos. Fiz relações com outras artes, busquei referências. Nesse dia, aprendi mais do que ensinei. A plateia de alunos e alunas está sempre lá à espera do próximo espetáculo. Faça chuva ou faça sol, as cadeiras estão todas com a sua marcação, com os seus lugares de frente para o palco. Assim como disse Deleuze no seu *O Abecedário de Gilles Deleuze*, no qual a professora Sandra Corazza retoma um trecho em seu texto *Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação*:

“Uma aula é ensaiada, como no teatro“. Se não a ensaiarmos suficientemente, “não estaremos inspirados“, e se ela não resultar de “momentos de inspiração“, não quererá “dizer nada“. O ensaio que fornece a inspiração consiste em “considerar fascinante a matéria da qual tratamos“, em achar “interessante o que se está dizendo“, para “chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo“, E Deleuze finaliza: - “O ensaio é isso“. (Corazza, 2012 p.1 apud Deleuze, 1994-1995, p.55)

Organizar as ideias para uma aula-espetáculo, escolher as melhores cenas-palavras para entretê-los. Como traduzir a vida em peças de teatro? Como representá-las? Como mostrar de forma didática a essa plateia? O professor-artista precisa de preparo, de experiência, de treino. Nos bastidores do espetáculo o professor-poeta interessado pelo que faz, luta com bastante intensidade para levar ao público o seu melhor.

Cronograma de aulas da Oficina Poética

Turma 301 (Colégio de Aplicação da UFRGS)

Aula⁴ 1	Textos utilizados para a construção das aulas	Aula 2	Textos utilizados em aula
A) Introdução: O que é poesia?	Formação da Literatura Brasileira: Antonio Candido O Livro das Semelhanças; A Vida submarina;	D) Poesia e Internet	Poemas: Príncipe no Roseiral (Matilde Campilho)

⁴ Cada aula equivale a dois períodos de 50 minutos.

	<p>Da arte das armadilhas: Ana Martins Marques</p> <p>ABC da Literatura: Ezra Poud</p> <p>Literatura Brasileira: Em diálogo com outras literaturas e outras linguagens - William Cereja & Thereza Cochar</p>		<p>Vídeos:</p> <p>Fevereiro (Matilde Campilho)</p> <p>Entrevista “<i>Relação do poema com o tempo e com a linguagem</i>” com Ana Martins Marques</p>
B) Definições poéticas	Notas sobre a experiência - Jorge Larossa	E) Ana Martins Marques: Obras	Poemas: Título; Autor; Primeiro poema.
C) Literatura como sistema		F) Tarefa de leitura: Objetos da cada/Objetos da sala de aula	<p>Poemas lidos -</p> <p>Faca; Mesa; Cortina; Cinema; Cadeira; Varal; Guarda-roupa;</p> <p>(Todos de Ana Martins Marques)</p>
		G) Tarefa de escrita: Espelhar	36, de E.E Cummings Espelho, de Ana Martins Marques.

Fonte: Compilação do autor (2023)

2.3.2 Oficina: A poesia pode ser ensinada?

Pensar numa oficina como forma de trabalhar a poesia, lapidar a palavra, deter-se na leitura e na escrita para turmas do ensino médio foi uma volta no tempo para mim. Vasculhar meus trabalhos de escola, meus escritos da adolescência, abrir a pasta da memória escolar. Procurar a poesia perdida por entre aqueles trabalhos escritos à mão, com capas ou apresentações em cartolina.

Quais foram as mudanças que ocorreram nessa distância temporal de quase 20 anos desde a minha experiência como aluno até a minha experiência como professor? O espaço físico com uma pintura diferente, janelas com mais grades, portas sem vista para fora, as últimas cinco escolas estaduais às quais visitei e lecionei continuam da mesma forma de quando fui aluno nos anos 2000. Algumas com laboratórios de informática e outras com computadores na própria sala de aula. Independente de a escola estar equipada com internet ou não, a grande parte dos alunos e alunas possuem um celular.

Mas chegar em uma escola onde a música está no centro do seu espaço físico é como uma resposta poética a uma pergunta concreta. No CAp, Colégio de Aplicação da UFRGS, há um piano na entrada do prédio de aulas. Nessas semanas nas quais estive lá como observador-camuflado ou professor-poeta pude ouvir alunos e alunas tocando para os colegas-plateia. Duas entradas dão acesso à escola, uma que está ligada à Avenida Bento Gonçalves e outra dentro do Campus do Vale da UFRGS.

Quando visitei o CAp em 2013, ano em que prestei o vestibular pela primeira vez, eu entendi que dar acesso à graduação é um caminho para o desenvolvimento do ser, no meu caso, foi um desenvolvimento não só meu, mas do meu núcleo familiar. Sou o primeiro filho, neto, sobrinho, primo, tio a estar num curso de graduação de uma universidade pública, e esse eco reverbera em toda uma geração que nasceu depois de mim, assim como o som que toca para sinalizar o início das aulas na escola. As aulas de Língua Portuguesa e Literatura da turma 301 são compostas por quatro períodos semanais, realizados em diferentes dias, cada um com 50 min, totalizando, assim, uma carga horária de 3,2h por semana. Nas aulas de Literatura do colégio, ao longo dos três anos do ensino médio, os alunos trabalham com a experiência de leituras de obras literárias dentro e fora do ambiente escolar e a prática social dentro desse local.

As aulas da oficina aconteceram num contexto considerado de pré-abertura pós-pandemia. As máscaras ainda nos protegiam e sufocavam depois de duas horas de fala. Os alunos falavam sobre as indecisões acerca do que viria após a formatura no EM. Do que seria o ano de 2023, se ainda estaríamos usando máscara e melando as mãos com álcool em gel. Foi um ano de muitas indecisões políticas também, um ano atípico na história desses alunos e alunas e de todos que fazem parte da escola. Novos hábitos adotados, novas formas de pensar em si e no outro.

E a partir desse primeiro olhar-escuta busquei estabelecer o que seria interessante para ministrar uma oficina de poesia aos alunos da turma 301 do CAp, pois é uma ingenuidade o professor pensar que, ao dar uma aula, está diante de um quadro vazio, de uma página em

branco, de uma tela virgem (Deleuze, 2007), por isso busquei poemas que estivessem ao alcance deles, seja pelo formato, seja pelo assunto, tendo em mente o ensino de literatura, poesia e arte em geral como contribuidores na formação desses jovens. E assim, quis entrar nessa aula sem esquecer que ela já está cheia, como diz Corazza:

O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê. (Corazza, 2012, p.10)

E como entrar nessa aula? Como compartilhar o que acredito ser uma aula de poesia, como fazer que essa aula encontre os alunos e alunas nesse caminho e que construa uma nova via tanto para esse professor-poeta quanto para esses jovens sonhadores? Como essa oficina pode, de alguma forma, como diz Larossa no seu texto Notas sobre a experiência, produzir alguns afetos, inscrever algumas marcas, deixar alguns vestígios, alguns efeitos. Criar micromovimentos.

A primeira aula da oficina poética foi realizada em julho de 2022, para mais ou menos 35 alunos da turma 301. Tentei ao máximo chegar aberto a aprender com esses alunos e alunas que me olhavam com tanta atenção. Percebi que eles e elas já haviam estudado poesia, mas qual a visão deles e delas sobre a poesia? Liam, não liam, escreviam ou não escreviam poemas?

Para iniciar a aula, trouxe no primeiro slide o seguinte questionamento: o que é poesia? Comecei a caminhar entre eles e perguntar: *O que é poesia? O que é poesia? Alguém saberia me dizer?* Alguns ficaram acuados com o meu movimento para fora do espaço de professor, como um ator que desce do palco para compartilhar a história com a plateia.

Figura 2: Primeiro slide



Fonte: Compilação do autor (2022)

Após as respostas dos alunos - as quais, em sua maioria, diziam *que poesia é um texto romântico ou de crítica social* -, apresentei à turma o segundo slide com algumas respostas do(a)s poetas: *Oswald de Andrade, Wislawa Szymborska, Hilda Hilst e Manoel de Barros*.

Figura 3: Segundo Slide



Fonte: Compilação do autor (2022)

As respostas estavam sem o nome dos autores, fui revelando a autoria de cada uma das definições e fiz uma breve apresentação de cada poeta aos alunos: Em qual período literário cada poeta estava situado, de qual nacionalidade ou estado eles eram. Essa atividade foi pensada como uma introdução da oficina poética, trazendo definições que fogem do que está dito no dicionário.

Após isso, fiz os seguintes questionamentos: *quem lê poesia fora da escola a faz em qual tipo de mídia: física ou digital? Podemos encontrar poesia em outros espaços?* Enquanto eles pensavam na resposta, fui procurar algumas contas que divulgam poesia no Instagram. Depois de alguns minutos, solicitei que eles e elas falassem o que pensaram. Uma aluna levantou a mão e disse que lia poesia na internet, especificamente, no Instagram. Sobre encontrar poesia em outros espaços, ela respondeu que já tinha visto poesia na janela do ônibus⁵, mas só nesse lugar. Pegando o gancho na fala dela, perguntei se alguém mais já tinha visto os poemas no ônibus, e a grande maioria levantou a mão e disse que sim.

A Literatura contemporânea tem início, seguindo a historiografia literária, a partir de 1940. Propondo uma pesquisa estética, autores como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, caracterizavam-se por uma maturidade literária e pelas pesquisas em torno da linguagem literária. Novas manifestações artísticas também começam a ter destaque, o lançamento do álbum *Chega de saudade*, de João Gilberto em 1959, abre as portas para o que viria a ser o Tropicalismo. O cinema novo também influenciou o que chamamos hoje de contemporâneo, levando a sétima arte brasileira para o mundo com os filmes de Glauber Rocha, por exemplo.

A Literatura contemporânea que apresentei aos alunos e às alunas é composta por obras lançadas após 2008 e não segue a linha historiográfica da literatura brasileira, pois dificilmente daria tempo de trabalhá-la nas aulas como diz Zilberman no seu texto “A Leitura e o ensino de Literatura” (1991, p.134) que a disciplina de Literatura no EM “privilegia, a ótica histórica e evolucionista, apoiando-se na bibliografia de tipo historiográfico”. Por isso, penso (e pense) na oficina (esse nome foi escolhido para diferenciar das outras aulas já que ela aconteceu dentro do cronograma da disciplina de literatura) como uma proposta de aulas voltadas para a leitura e o fazer-poético contemporâneo. Procurando estabelecer uma ponte entre os...

⁵ Uma das ações culturais de maior popularidade e reconhecimento na Capital gaúcha é o concurso “Poemas no Ônibus e no Trem”, com edições anuais desde 1992. Em mais de duas décadas, milhares de textos de autores ilustres ou mesmo desconhecidos obtiveram ampla visibilidade nas janelas dos veículos de transporte coletivo da Região Metropolitana, além de contribuírem para a humanização do sistema. (Disponível em https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=288).

dados do mundo externo ao texto e os dados internos do texto. Há um processo que relaciona esses dois planos que precisamos aprender a considerar para poder ensinar literatura. A forma artística consequente é aquela que reordena os fatos externos ao poema, conferindo a eles um novo valor. (PILATI, 2017, p. 30)

O primeiro passo para o fazer-oficina foi pesquisar poetas com obras lançadas a partir de 2008 até 2022. O segundo passo, o mais difícil, foi selecionar as obras. Entre as escolhidas estavam poemas de *Ana Martins Marques*, *Bruna Beber*, *Eucanaã Ferraz*, *Matilde Campilho*, *Tatiana Nascimento*.

Para contribuir com a formação de repertório, a construção de senso crítico, estimular a criatividade e a comunicação, além de aumentar a capacidade de interpretação de texto e escrita, a leitura mostra-se um eixo fundamental na formação de estudantes, segundo a BNCC:

Mostrar-se ou tornar-se receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativa, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (Brasil, 2018, p. 74)

A leitura, não sob uma ótica de passividade - onde o leitor apenas recebe informações, entrando em contato com um universo exógeno criado pelo autor - mas sim como uma prática ativa - onde cede seu lugar de espectador e exerce também toda sua reflexividade - é fundamental na construção de sujeitos conscientes de seu papel no contexto político-histórico-social em que habitam.

E pensar uma aula de Língua Portuguesa e Literatura em que teoria e prática estejam unidas, demonstrando o porquê das escolhas feitas, constatando, segundo Batista:

que aquilo que se ensina não são as próprias coisas (a língua ou a história mesmas), mas, antes, um conjunto de conhecimentos sobre as coisas ou um modo, dentre outros possíveis, de se relacionar com elas. Da mesma forma que, o ensino de História, o que se busca ensinar não é o fenômeno mesmo da história - mas a visão desse fenômeno -, no ensino de português, o que se ensina é o produto de uma visão entre outras coisas, do fenômeno da língua e do papel de seu ensino numa determinada sociedade. (Batista, 1997, p.3)

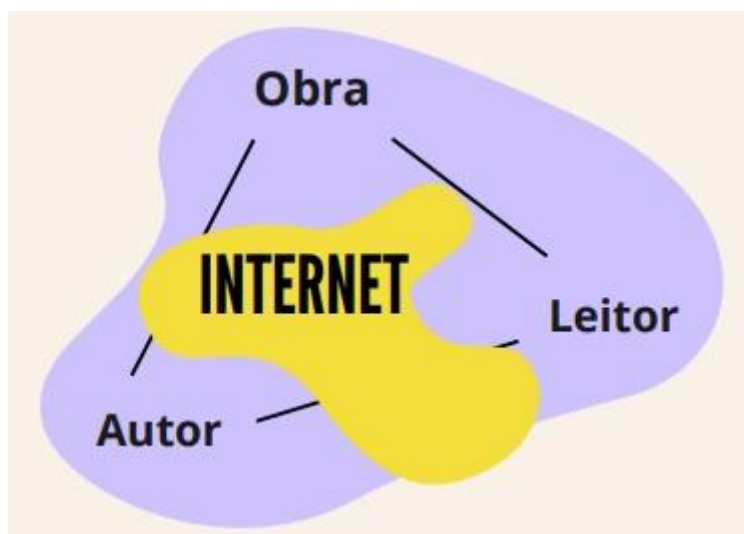
Na sequência da oficina apresentei à turma a literatura como sistema, seguindo as proposições de Antonio Candido:

O conjunto de três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (Candido, 2000, p.23)

Debatemos, então, sobre a importância da leitura, a importância de haver leituras e críticos de literatura para que assim possa existir um aperfeiçoamento da escrita. A obra só existe porque há um escritor por trás dela e um leitor a quem essa escrita pode ser direcionada. Nessa parte da aula, alguns alunos falaram sobre as reescritas das redações e se isso poderia ser literatura também.

Após essa breve explicação sobre o sistema de Candido, propus um novo sistema, identificando o surgimento da internet como um atravessamento entre autor-obra-leitor. Como uma pesquisa-aula, questionei por qual ferramenta de leitura os alunos realizavam as leituras propostas em aula ou leituras que eles faziam por conta própria. A grande maioria respondeu que lia no computador, em pdf ou pelo celular. Essa pesquisa foi sobre a leitura de poesia, e não sobre outros textos.

Figura 4 - Internet como sistema



Fonte: Compilação do autor (2022)

Nessa etapa da oficina, apresentei o termo *Instapoetry*, que é um estilo de poesia escrita que surgiu após o advento das mídias sociais, sendo um termo que pode ser usado para descrever poemas escritos especificamente para serem compartilhados online, mais comumente no Instagram.

Muitos alunos trouxeram o nome de Rupi Kaur⁶, escritora que é muito conhecida por seus poemas publicados no Instagram. Inseri alguns poemas dela nessa aula, pedindo indicações para as alunas que haviam citado o seu nome. Fizemos uma pesquisa pelo instagram da escritora e lemos três poemas do livro *O que o sol faz com as flores*. Todos com temática de relacionamentos amorosos. Alguns tinham a estrutura semelhante com os da poeta Ana Martins Marques, a qual foi trabalhada posteriormente a essa aula. Apresentei à turma o poema *Príncipe no Roseiral*, de *Matilde Campilho*, poeta portuguesa contemporânea que ficou conhecida pelas redes sociais, nesse caso, por um vídeo postado no Youtube, com a declamação do seu poema Fevereiro⁷.

E falar sobre os textos é o que fizemos nessa primeira aula da oficina. Após lermos e relermos os poemas apresentados acima, conversamos sobre os temas trazidos em cada um, assim como um pouco da história das autoras. Com essas releituras em formato de bate-papo pode-se haver uma variedade de sentidos sobre o mesmo poema, pois como afirma Cecilia Bajour:

Para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura nesse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós. Não se trata então de uma agregação aleatória, que pode ocorrer ou não, e que costuma ser interpretada como a “verdadeira” leitura, aquela que se dá quando os olhos percorrem as linhas e as imagens ou quando os ouvidos estão atentos para a oralização de um texto por meio de uma leitura em voz alta. Falar dos textos é voltar a lê-los.” (BAJOUR, 2012, p.23)

Na etapa de pesquisa de obras, escritores e escritoras de poesia contemporânea, conheci a obra da poeta Ana Martins Marques⁸ a partir da conta do Instagram

⁶ <https://www.instagram.com/rupikaurbrasil/>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=a2u1D4i-C48>

⁸ ANA MARTINS MARQUES nasceu em 1977, em Belo Horizonte. Graduada em letras, tem doutorado em literatura comparada pela UFMG. A escritora é uma das poetisas mais citadas no circuito

@opoemaesinaacair⁹. E a partir dessa descoberta, veio a ideia de trabalhar com o Instagram como um lugar para divulgação/pesquisa de literatura, como uma ferramenta para divulgar os poemas dos alunos e alunas. Através de uma conta que eu havia criado em 2018 para divulgar as minhas fotografias e escritas, resolvi utilizar esse espaço para as aulas da oficina.

Desde que tomei conhecimento das palavras de Ana Martins Marques, quis compartilhá-las com meus amigos, com minha mãe e com meus alunos e alunas. Cada poema para um lugar específico, para a hora exata. Quis propiciar experiências poéticas no interior das aulas, pois acredito...

no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. (Bondía, 2002, p.21).

Por isso, após essas primeiras etapas da oficina, direcionei a aula para uma apresentação sobre a poeta. No slide quatro, trouxe um texto com a descrição da escritora e uma foto sua. Além dessas informações, acrescentei uma fala na qual a poeta diz sobre a sua curta relação com a docência¹⁰.

literário contemporâneo, tendo já 7 obras publicadas, duas delas em parceria com outros escritores, e uma traduzida para a língua inglesa.

⁹ <https://www.instagram.com/opoemaesinaacair/>

¹⁰ Fala proferida na aula inaugural da disciplina Leituras dirigidas: Poesia Contemporânea - Leitura, escrita e escuta do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

Figura 5: Slide 4

A poeta: Ana Martins Marques

ANA MARTINS MARQUES nasceu em 1977, em Belo Horizonte. Graduada em letras, tem doutorado em literatura comparada pela UFMG. A escritora é uma das poetas mais citadas no circuito literário contemporâneo, tendo já 7 obras publicadas, duas delas em parceria com outros escritores, e uma traduzida para a língua inglesa. Professora por um dia, conta que não soube lidar com a pressão de estar em uma sala de aula, preferiu lidar com os livros e o silêncio da revisão de textos.



Fonte: Compilação do autor (2022)

Assistimos ao vídeo *relação do poema com o tempo e com a linguagem*,¹¹ em que Ana Martins Marques fala sobre a sua experiência com a escrita. Tentando aproximar os alunos e as alunas da presença da poeta para pensar o ato de escrever como algo comum, cotidiano, descristalizando a imagem do escritor(a) como alguém que está fora do nosso círculo. A poeta brinca com o termo nome do autor em seu poema de mesmo nome:

Impresso
 como parece estranho
 o mesmo nome
 com que te chamam
 (Marques, 2015, p. 15)

Aproximando todas as discussões feitas na primeira aula sobre a definição de poesia e sobre a intertextualidade entre literatura e outras artes, nessa etapa da oficina, pude apresentar à turma o livro *Da arte das armadilhas*, de Ana Martins Marques. Meu intuito era trabalhar a obra na íntegra, já que os alunos relataram nunca ter lido um livro de poesia do começo ao fim, apenas poemas soltos.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=zID8otNTR00>

Essa era uma questão sobre a qual eu já havia pensado, porém, em outro contexto com um outro trabalho relacionado ao *Livro das semelhanças* da mesma autora. Por terem sido apenas duas aulas, a proposta foi reorganizada e o tema dos objetos da casa, o qual teve uma maior importância por já termos conversado sobre a pandemia e as nossas experiências dentro de casa por um longo período. E através disso, pensar que leitura do poema nasce da necessidade de sentirmos o mundo real de uma forma mais prazerosa e lúdica. E pensar num mundo real, a partir dos objetos, que esteja mais próximo do que vivenciamos no nosso cotidiano, a pandemia, pode ser uma oportunidade de provocar alunos e alunas que têm uma ideia cristalizada sobre o gênero poético como algo entediante.

Nessa etapa da oficina, no slide 5, apresentei à turma os poemas Guarda-roupa, Faca, Cortina, Cinema, Fruteira, Mesa e Porta. Os nomes dos poemas no slide possuem um link o qual direciona o leitor diretamente para a leitura do texto.

Figura 6: slide 5



Fonte: Compilação do autor (2022)

O leitor é tocado pelo poema que, numa perspectiva bastante singular, eleva objetos até então não reconhecidos em sua capacidade poética, conforme se vê nessa série de poemas dedicados aos acessórios e utensílios da casa. Como no poema Faca, utensílio utilizado na cozinha, porém, que pode ter outras funções, como no exemplo:

Sua fria elegância
 não escamoteia
 o fato:
 é ela que melhor se presta
 ao assassinato
 (Marques, 2011, p.16)

Os objetos referidos na obra de Ana Martins Marques, de algum modo, marcam nossa passagem pelo mundo. São poemas que, na imagem que criam, nos dão a possibilidade de uma nova realidade. No caso do poema Fruteira, a vida e a morte representados no fruto:

quem lembrou de pôr
 sobre a mesa
 essas doces evidências
 da morte?
 (Marques, 2011, p.15)

Apresentei aos alunos os poemas-imagem da minha conta @traduzirte. Essa aula foi assistida por outro-professor-poeta que faz parte do Colégio de Aplicação. O professor-regente precisou acatar uma urgência e pediu ajuda já que a turma não podia ficar sem uma supervisão. Nesse dia, o outro-professor-poeta conversou com os alunos sobre o fazer poético, sobre os seus livros e sobre a sua experiência de professor e autor. Nesse dia também muitos alunos pediram para seguir a minha conta e fizeram muitas indicações de contas sobre poesia no Instagram. Escrevi a lista no quadro para que todos pudessem copiar e ter acesso pós-aula. Entre elas: @poetasnotopo¹², @mulheresnapoesia¹³ e @opoemaensinaacair¹⁴.

Um dos poemas que mais chamou a atenção deles foi o poema Quando eu ando, apresentado na imagem abaixo:

Figura 7: poema-imagem Quando eu ando

¹² <https://www.instagram.com/poetasnotopo/>

¹³ <https://www.instagram.com/mulheresnapoesia/>

¹⁴ <https://www.instagram.com/opoemaensinaacair/>



Fonte: Compilação do autor (2022)

2.3.4 Oficina de escrita: Espelhar

I. A proposta final de escrita consistiu em: a. ler e discutir, a partir da perspectiva da impressão/experiência dos estudantes, poemas selecionados dos livros: *O Livro das Semelhanças*, *Da Arte das Armadilhas* e *A Vida Submarina*, todos de Ana Martins Marques; e (b) estimular a escrita de poemas, buscando difundir uma mostra da literatura feita contemporaneamente no Brasil. A proposta de leitura e de produção poética foi desenvolvida a partir dos feedbacks obtidos nas aulas e nas atividades com alunos e alunas da turma 301.

Apresentei o poema *36 de E.E. Cummings*, um aluno se dispôs a ler o poema projetado no quadro:

cacos(no mais escuro

que mínimo é mais sujo
da cidade o menor
beco)de espelho
são cada qual(por que
a gente diz que é des
graça quebrar um)
céu por sua vez

Após a leitura desse poema, no slide seguinte apresentei o poema espelho de Ana Martins Marques, esse foi lido por mim:

Nos cacos
do espelho
quebrado
você se
multiplica
há um de
você
em cada
canto
repetido
em cada
caco

Por que
quebra-
-lo
seria
azar?

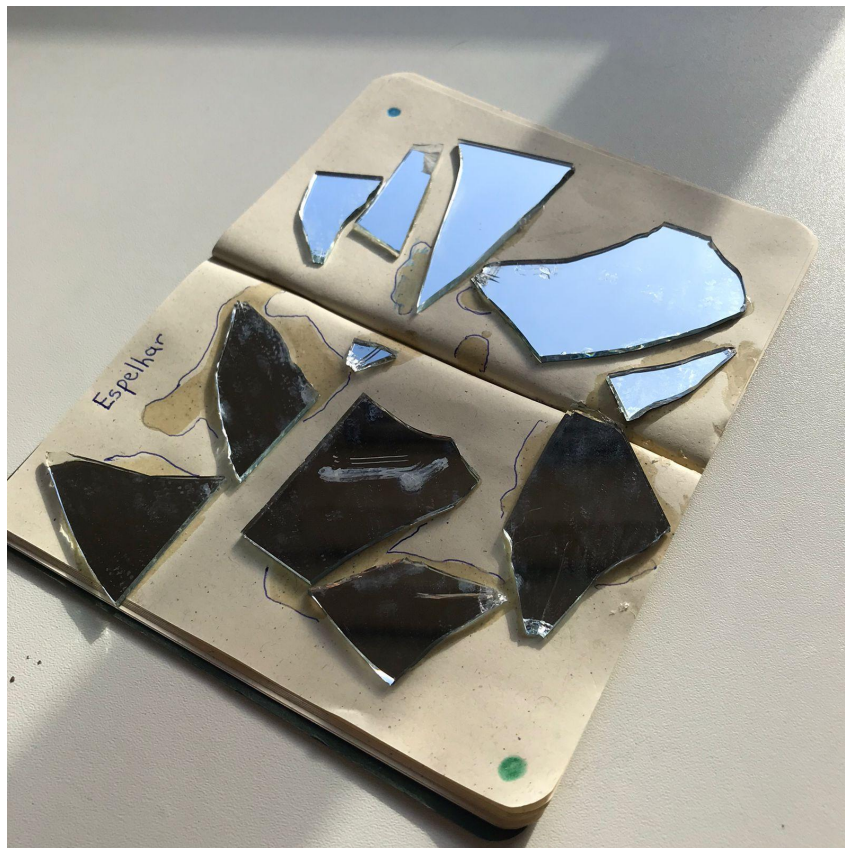
(Marques, 2011, p.22)

Conversamos sobre a intertextualidade entre os dois poemas. Como uma forma de provocação a partir desses dois escritos, eu, um professor-poeta, criei um objeto artístico para acrescentar no fazer poético da turma.

O professor-poeta ousou elaborar um objeto artístico-pedagógico: um livro-poema à la Cummings e inspirado por *Ana Martins Marques*. Pensando na questão do professor como

um leitor-escritor que está dentro dessa construção do objeto-aula, fez-se necessário a produção desse produto-livro para compor essa tarefa.

Figura 8 : livro-poema Espelhar



Fonte: Compilação do autor (2022)

A partir da apresentação da obra *espelhar* aos alunos e alunas, foi proposto fomentar a reflexão sobre como podemos nos enxergarmos de diferentes formas a partir dos cacos de espelho. A recepção sobre o produto-livro foi positiva, alguns alunos pediram, após o término da oficina, para tirarem fotos do objeto e criarem poemas a partir da imagem.

II. Proposta da atividade de escrita - Quando eu me olho no espelho:

Pensando em como nós podemos desenvolver diversos papéis na sociedade e ter diversas personalidades num corpo só, o espelho surge como imagem fragmentada ao ser quebrado, seguindo o que diz a BNCC sobre o ensino médio:

os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos socioculturais diversos. (Brasil, 2018, p. 481)

3. UM COMPILADO DE ESCRITAS-POÉTICAS: O ESPELHO ALUNO

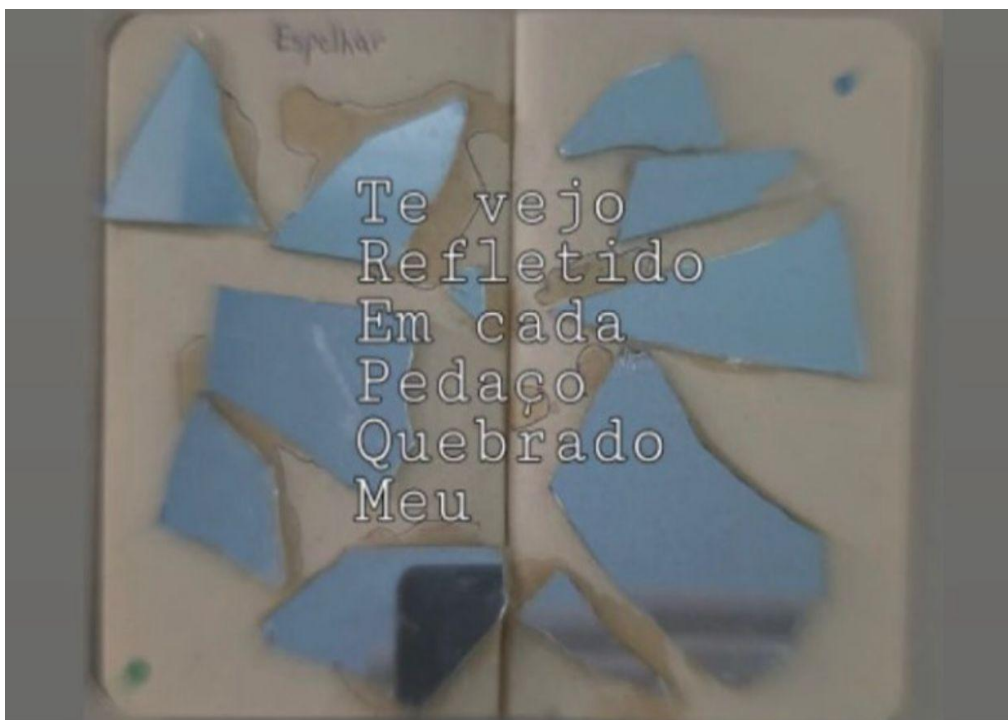
Após a atividade, os alunos tiveram duas semanas para criarem o poema, imagem, fotografia, pintura, desenho. Alguns enviaram por e-mail, outros pediram para que eu postasse as suas criações no Instagram, outros me entregaram os seus escritos em papel.

O pensar-oficina aconteceu para estudar o tema da poesia contemporânea, aprofundando-se na obra da poeta Ana Martins Marques, para entrar nessa aula, já cheia de poesia trazida pelos alunos e alunas. O professor-poeta acredita que conseguiu obter êxito ao criar um movimento de leitura de poesia junto com os alunos, sem pensar somente nos resultados que essas atividades trariam, e sim experienciar o que essa leitura causaria nesses jovens. A escrita dos poemas e a criação de outros tipos de arte que surgiram após a oficina foram fruto dessa experiência. Em momento algum, a turma perguntou se valeria nota ou algo do tipo, houve uma avaliação da participação nas aulas, nas discussões sobre os assuntos levantados, mas o intuito da oficina poética não foi reprovar ou aprovar ninguém.

A criação dos alunos e alunas foi compartilhada entre os colegas e divulgada na minha conta do Instagram. Como uma espécie de instalação online, os colegas podiam comentar e trazer suas impressões sobre o poema-imagem do outro. Realizando assim uma conexão entre escrita e reflexão sobre a escrita a partir dos próprios escritores e não de um lugar superior do professor em cima de seu palco. Aqui a plateia começa a criar sua aula-espetáculo.

Abaixo, estão alguns poemas-imagem escritos ou como numa colagem da palavra sobre a imagem recriados (figura 9).

Figura 9 - Poema: Espelhar II



Fonte: Poema de uma aluna da turma 301 (2022)

Assim como Ana Martins Marques inspirou-se no poema 36 de E.E cummings para escrever o seu Espelho, a aluna-poeta utilizou do objeto-poema do professor-poeta para recriar o seu Espelhar II. Buscando encontrar os cacos do outro em si.

Figura 10 - Poema: A vida em degraus



Fonte: Poema de uma aluna da turma 301 (2022)

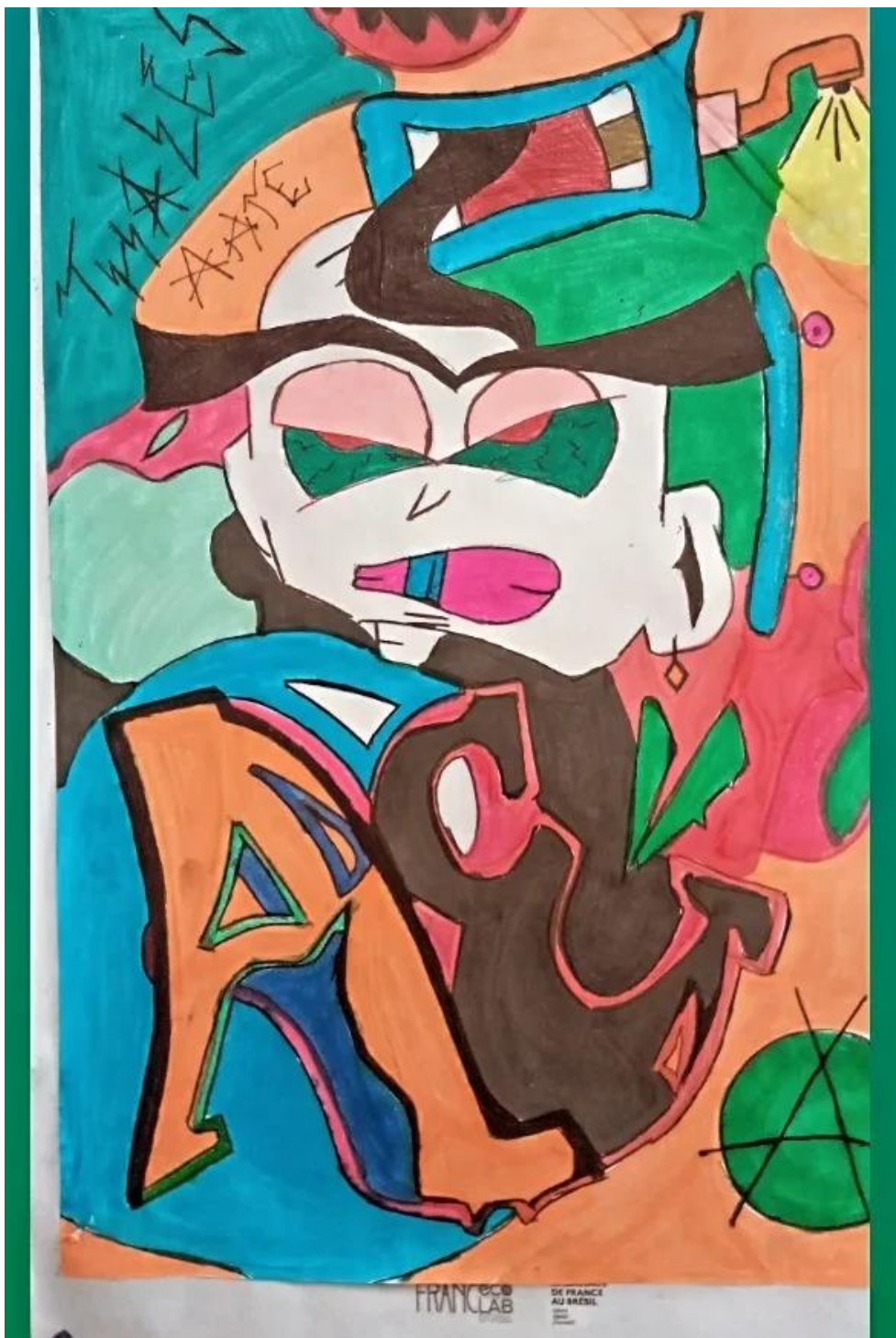
A escada como objeto de reflexão sobre os diversos caminhos pelos quais podemos seguir. A vida em seus degraus e as suas escolhas múltiplas.

Figura 11 - Poema MEU EU DE DENTRO, sentimentos confusos de um sábado à noite



Fonte: Poema de uma aluna da turma 301 (2022)

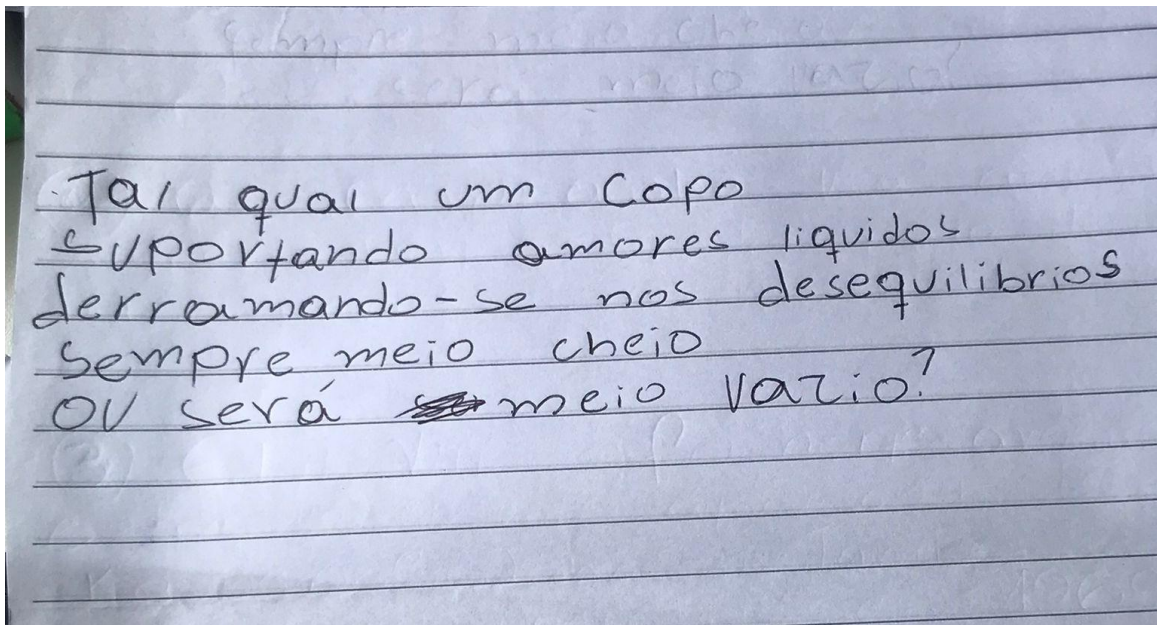
Figura 12 - Poema: O pixo na sala de aula



Fonte: Poema-desenho de um aluno da turma 301 (2022)

O desenho que surge na parede da sala de aula, arteiro que me pergunta se essa imagem é poesia. Como dizer que não?

Figura 13: Poema - copo-vazio



Fonte: Poema de um aluno da turma 301 (2022)

Com o fazer-oficina foi possível pôr em prática o que diz Pound em ABC da Literatura, sobre análise da poesia. Os alunos diversas vezes se e me questionavam sobre qual seria a melhor palavra a ser usada para descrever um sentimento específico, e na comparação entre palavras foram criando seus poemas. No ato de experienciar a leitura e a escrita dos poemas com os alunos e as alunas foi possível verificar como o ensino de Literatura pode ainda gerar prazer dentro da sala de aula. Seja na fala espontânea de uma jovem sobre o poema Príncipe no Roseiral, de Matilde Campilho, no trecho que diz:

Escute só

Isto é um poema

não vai alinhar conceitos

do tipo liberdade igualdade e fé

Não vai ajeitar o cabelo da menina que trabalha com afinco na caixa registradora do supermercado.

(Campilho, 2015, p.12)

Mas o poema, diz a aluna, pode estar no muro da saída do supermercado, e ao ver ele, isso pode mudar o dia da menina, né? Seja na preocupação do aluno ao escolher a imagem que usará de fundo na sua composição poética, seja ao apresentar uma poeta viva! Uma poeta que escreve no hoje e lê-la com esses alunos que já estão com o pensamento no amanhã. Acredito que foi um acerto, comprovado pelas composições que eles criaram, mas muito mais pelas experiências criadas dentro da sala de aula. Os micromovimentos na aula de Língua Portuguesa e Literatura dão-se ao cruzar para o lado de lá da regra gramatical, pelo menos nesses momentos da oficina, as regras foram esquecidas, não apagadas. A leitura e a releitura dos textos feita por mim e pelos alunos e alunas, criando-se, aos poucos, um hábito de ler poemas. Um período da aula dedicado à leitura, sem prévia, ao vivo, após o primeiro impacto a leitura silenciosa remonta o entendimento. Seja no deslumbramento da turma ao ver as suas criações online, assim como, os poemas da escritora Ana Martins Marques. Seja pelas conversas sobre o cotidiano que nessas horas-aula também foram poesia. Um objeto como uma fruteira transformado num sentimento comum entre todos os seres humanos, a vida e a morte, pelas quais falamos tanto nos últimos anos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula-espetáculo não acaba após as cortinas fecharem, fora do teatro-escola, há outros muros, outros mundos. E é na construção dessa conexão online ou virtual de palavra em palavra que busco construir algum sentido entre o ensinar e o criar.

Criar micromovimentos, propiciar a partir da minha experiência de professor-leitor-autor a criação poética desses alunos. Não há um objetivo específico de avaliação para essa oficina, ela foi pensada como uma experiência de leitura e escrita a partir dos poemas lidos em sala de aula. Algumas portas foram abertas para que a turma pudesse ter algum repertório e se guiar na hora do fazer poético. Muitos seguiram o caminho tradicional da poesia com várias estrofes, outros seguiram a linha do verso livre, um aluno criou um desenho. Retomar todo esse material, um ano após a execução da oficina, é como atar as duas pontas dessa experiência pré-oficina com o pós-oficina. Tentar colar os cacos-memória do aluno-leitor que admirava os seus professores e professoras com as lembranças do agora professor-leitor-autor ou o professor-poeta.

Agora como observador-autor tento buscar na pasta da memória docente provas dessas duas aulas que aconteceram, que passaram por mim e de algum jeito tocaram alguns alunos e alunas, infelizmente, não há como alcançar toda turma, alguns escapam do nosso radar por quererem escapar ou simplesmente por não verem sentido naquilo que está ali para ser experienciado - a aula de Língua Portuguesa e Literatura.

REFERÊNCIAS

BAUJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura**/Cecília Bajour; tradução de Alexandre Morales, São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em 24 de julho de 2023.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de Português: Discurso e saberes escolares**. São Paulo; Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem)

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. **A nova narrativa**. In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215.

CANDIDO, Antonio. **A formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. LTDA, 2000.

CORAZZA, Sandra. **Dedicatório de criação: Aula cheia, antes da aula**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

CORAZZA, Sandra. **O direito à poética na aula: sonhos de tinta**. Revista Brasileira de Educação v. 24, 2019.

MARQUES, Ana Martins. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

_____. Da arte das armadilhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [1]

MARQUES, Ana Martins; SISCAR, Marcos. **Dois Janelas**. São Paulo: Luna Parque, 2016.

_____. O livro das semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

POUND, Ezra. **O ABC da literatura**; Organização e tradução da apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes – 11.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VELOSO, Caetano; NASCIMENTO, Milton. A Terceira Margem do Rio. Circuladô Vivo: ao Vivo. Gravadora: Philips Records, 1992, disco vinil 1, lado B, faixa 5 (4:47 min).

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura** / Zilberman Regina - 2~ed. - São Paulo: Contexto, 1991.

ARAÚJO, Rafael Soares de. Fevereiro - Matilde Campilho LEGENDADO. Youtube, 1 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2u1D4i-C48>.

CULTURAL, Itaú. Ana Martins Marques – A relação do poema com o tempo e com a linguagem. Youtube, 28 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zID8otNTR00>.

FUTURA, Canal. Livros que Amei | Ep. 13: Adriana Calcanhotto. Youtube, 18 de junho de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hd904ovYJMA>.

Prefeitura de Porto Alegre. Poemas no ônibus e no trem. Disponível em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=288.

@mulheresnacoes. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulheresnacoes/>.

@opoemaensinaacair. Disponível em: <https://www.instagram.com/opoemaensinaacair/>.

@poetasnotopo. Disponível em: <https://www.instagram.com/poetasnotopo/>.

@rupikaurbrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/rupikaurbrasil/>.

@traduzirte_. Disponível em: https://www.instagram.com/traduzirte_/.